

Resenha

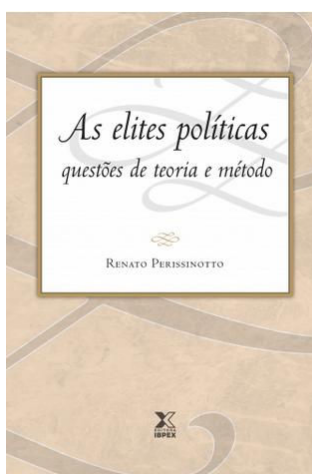
PRESISSINOTTO, Renato. *As elites políticas: questões de teoria e método*. Curitiba : IBPEX, 2009.

As elites políticas em questão: noções sobre teoria e método

Tiago Valenciano*

Com o objetivo de revelar as principais características da teoria das elites, o livro “As elites políticas: questões de teoria e método” (2009), de autoria de Renato Perissinotto, está dividido em duas partes: a primeira, consagrada aos clássicos da teoria – Mosca, Pareto e Michels, busca explicar como se originou o debate elitista; A segunda, destinada ao amadurecimento acadêmico da teoria, evidencia o monismo, o pluralismo, o neolitismo e as críticas marxistas referente a esta teoria.

Durante a introdução, o autor relata que o conjunto de ideias da teoria das elites não surgiu por acaso. Normalmente, quando se pretende criar uma nova “teoria”, os autores são motivados pelas características do momento em que estão vivendo. O período em questão perpassa pela ascensão da democracia, com participação das massas na política e atuação dos sindicatos / movimentos operários, na luta por direitos iguais para os trabalhadores. Mediante a esta “ascensão política das massas”, um sentimento de pessimismo rondava as classes dominantes da época. Afinal, com uma democracia ampla e o protagonismo das massas no poder, a tendência era que a irracionalidade



pairasse, pois os membros das massas não eram tão instruídos intelectualmente como os integrantes da classe abastada.

Em face desta incapacidade das massas em exercer o poder, a democracia estava avaliada negativamente, já que as massas eram autoritárias e irracionais, além de se deixarem levar pelo discurso demagógico e inescrupuloso. Irrefutável até então, a democracia foi colocada em xeque pelos elitistas. Assim, surgia neste panorama, a teoria das elites, pautada pelos pressupostos antidemocráticos e antissocialistas, evidentes nos países em que surgiram os primeiros ideólogos elitistas.

Para entender como é desenvolvido o pensamento elitista é necessário que os métodos utilizados pelos autores sejam colocados. O italiano Gaetano Mosca utilizava o método histórico, pois este fornece os acontecimentos do passado como ferramentas para entender o que há no presente. Munido deste método, Mosca constatou ao longo do tempo a presença da classe política (ou dirigente) como membros da classe governante e das massas, como os governados. No interior das mesmas, as funções são bem definidas. Enquanto a classe política (minoritária e organizada) dirige, as massas,

(desorganizadas) são dirigidas. Baseado nisso, Mosca propõe um novo estudo para as formas de governo. A pergunta passa a ser “como se organizam e se formam os governos” e não “quantos governam”.

Vilfredo Pareto também utiliza o método histórico para compreensão dos fenômenos sociais. Para ele, as sociedades estão divididas em dois estratos: o superior e o inferior. No estrato superior é que estão os indivíduos que possuem “os mais elevados índices nas suas respectivas atividades” (PERISSINOTTO, 2009, p.65). Ou seja, neste estrato que se encaixa as elites, os melhores, os eleitos, com a definição do termo se aproximando muito ao seu significado etimológico. A manutenção do equilíbrio social dá-se por intermédio dos dois estratos supracitados, segundo Pareto.

Analisando o processo de organização dos partidos políticos socialistas do início do século XX, Robert Michels defende que em todas as organizações, fatalmente, há uma divisão do poder, entre a minoria que governa (por ele chamada de oligarquia) e a maioria, os governados. Dois destaques são dados aos textos de Michels: o primeiro deles é a fundação da “sociologia das organizações”, as quais estão sempre a serviço de algum grupo social; o segundo diz respeito à psicologia das multidões, nas quais as massas necessitam de chefes para governá-las. Unindo estes dois “princípios”, Michels justifica a ação dos chefes sobre a maioria: pela maior capacidade técnica e intelectual e por questões psicológicas.

Mills visualizava as elites sob duas óticas: a posicional, ou seja, identificar as elites em função dos postos de comando da sociedade; e a institucional,

pois tais posições de gerência encontram-se nas principais instituições sociais. Para ele, a elite é unida, coesa entre si e seus integrantes comungam de base social e psicológica parecidas. Esta peculiaridade define Mills como expoente do monismo da teoria das elites, isto é, ele acredita na coesão e uniformidade das elites no poder e que estes partilham de valores e ideias em comum. Segundo o autor, o importante é responder as questões “quem são os que governam?” e “Como eles chegaram lá?”. Para isso, dois procedimentos são usados: o parâmetro posicional, já identificando previamente quem faz parte da elite política; e a origem social dos membros da elite, analisando o caminho percorrido para chegarem à atual posição.

Perissinotto aponta Robert Dahl como expoente do pluralismo nos Estados Unidos. A principal ideia do pluralismo é a associação entre as minorias ativas presentes no poder e a defesa da democracia, isto é, um governo comandado pelas minorias não significa necessariamente a tirania no poder, pois: 1) a ameaça não vem das elites, mas sim das massas, pois havia um temor em relação ao ideal autoritário do “homem médio”; 2) a liderança condiz com a democracia, esta compreendida como uma competição entre líderes para chegada ao poder; 3) e, além disso, as elites que disputam o poder são autônomas entre si, não influenciando umas as outras.

Já o grupo de autores “neoelitistas” da teoria das elites defendia que não tomar decisões também é uma forma de participação na política. Para isso, é necessário analisar o andamento do sistema político e não só o momento da decisão ou a caracterização de um grupo enquanto elite política. Na contramão, a crítica dos marxistas “estruturalistas”,

por exemplo, baseava-se na preocupação demasiada dos autores elitistas em estudar os sujeitos do poder e não as relações que existem na estrutura do poder.

Na conclusão, Perissinotto aponta as razões básicas para estudar as elites: 1) a importância na conexão entre as elites e as decisões políticas, mesmo que os efeitos das decisões não sejam iguais às intenções dos agentes; 2) os momentos de mudança histórica, diferenciando-os em cruciais (mudanças políticas estruturais, por exemplo) e os rotineiros (alteração de lideranças no poder), consolidando assim uma base sólida para pesquisar as elites; 3) a relação entre elites e estrutura social, na qual o autor argumenta que as elites não estão necessariamente no poder, mas podem penetrar os demais estratos da sociedade.

O livro “*As elites políticas: questões de teoria e método*” nasceu com a preocupação em explicar e contextualizar a teoria das elites ao longo da história, munindo o leitor com as ideias dos principais autores que abarcaram a temática *elites* em seus textos. Além desta contribuição, a formatação didática do livro (com sínteses e exercícios ao término de cada capítulo) permite a fixação do conteúdo abordado, dizimando possíveis dúvidas. Por fim, um importante quadro sinóptico da genealogia da teoria das elites é apresentado, indicando ao pesquisador por onde caminhar quando este trabalha com as elites. Diante destas contribuições, o livro pode ser considerado de leitura indicada para aqueles que buscam conhecer (ou pesquisar) a teoria das elites, preenchendo a lacuna que existia: a falta de um bom trabalho nacional sobre as elites políticas.



* **TIAGO VALENCIANO** é Mestrando em Ciências Sociais (UEM).